

ponto de vista, que é o ponto de vista de quasi todos os artistas portugueses, e de muitos homens de letras também.

Esta falta de interesse pela cultura traduz não só uma falta de curiosidade, de apatia intelectual que faz da nossa arte uma arte sem originalidade, mas também uma grave deficiência de potencial intelectual que se reflecte necessariamente no potencial de execução, dando ao campo artístico uma limitação quasi absurda e por demais injusta.

E perguntamos: Como pode ser verdadeiramente um grande artista o artista que pensa dum modo tão limitado?

Um dia encontraram Miguel Angelo que, aos 80 anos, se dirigia a qualquer parte: «Onde ides?» — perguntaram-lhe. E respondeu: «A uma escola, aprender qualquer coisa...»

Os grandes artistas foram sempre homens de grande cultura, ou pelo menos, de grande curiosidade intelectual.

Rubens era ávido de conhecimentos e de ciência, como se vê pela sua correspondência; até experiências fazia.

Vinci é o que se sabe.

Savani foi um matemático; o nosso Constantino Fernandes, idem.

Os grandes Mestres da Renascença foram, muitos deles, anatómicos eminentes, arqueólogos, etc.

Muitos outros artistas tem sido filósofos; Rodin foi um esteta; Reynolds, Whistler, teorizantes d'arte. Puvís de Chevannes filósofo.

Outros, como Poussin, David, etc., humanistas eminentes. Delacroix foi um grande escritor e um grande pensador (*Journal de Delacroix*).

No campo oposto: Pasteur, Cajal, Prenant foram pintores; Einstein é músico, violinista: o caso de Goethe é célebre: e poderia multiplicar os exemplos, encher páginas.

Em média, o artista francês, inglês, dinamarquês, etc. é cultíssimo: com diferentes tendências, em diferentes campos, e ávido de conhecimentos. Só assim o artista se integra na Vida, e a vive em sua plenitude: — o resto «a arte pequeno mundo», à parte, é uma masturbação artística, e conduz à Arte divorciada da Vida: isto é, um academismo, qualquer que êle seja, académico ou futurista, não importa...



(CONCLUSÃO DA PÁGINA 1)

que descuramos demasiado as nossas secções literária e artística. E' que as revistas literárias e artísticas que existem no nosso país bastam, de certo modo, ao nosso público. Dizemos «de certo modo», porque essas revistas não tem a orientação humanística que deveriam ter como elementos de cultura, e o público precisa de mais alguma coisa. Mas a verdade também é que, à parte meia dúzia de rapazes bem cons-

cientes e animados da melhor vontade, entre nós, há muito pouca gente capaz de lhe dar neste campo, aquilo de que precisa. Esta é talvez a razão de na sua maioria, os nossos literatos e os nossos artistas, serem levados a pensar como pensa o autor da carta que publicamos na página de «Comentarios e Documentos», e que traduz bem a «limitação intelectual» dêsses artistas e dêsses literatos.